

Lenira Carvalho e sua forma de pensar sobre o mundo

Lenira Carvalho foi uma militante da causa das trabalhadoras domésticas. Junto com suas companheiras, esteve à frente de vários processos de luta e conquista de direitos para a categoria. Ao longo dessa trajetória, elaborou muitas reflexões sobre a sociedade brasileira e o lugar do trabalho doméstico nessa sociedade. Pensando sobre suas vivências, observando e conversando sobre a situação vivida também por outras trabalhadoras domésticas, produziu conhecimento sobre temas como o valor social do trabalho doméstico, a relação de afeto entre trabalhadoras e patrões/patroas, as relações existentes entre o período da escravidão e o mundo do trabalho de hoje, entre tantos outros. No seu próprio processo de elaboração sobre o mundo, desenvolveu estratégias, ações políticas e modos de organização da categoria. A consagração de Lenira não era apenas à luta das trabalhadoras domésticas, ela tinha um grande compromisso com a construção de uma perspectiva de transformação do mundo que parte da classe trabalhadora e das mulheres, incorporando a situação vivida e refletida por sua categoria.

Como podemos observar no documentário *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) e no livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, o jeito de Lenira Carvalho construir seu pensamento é um processo indissociável entre o aprendido a partir de sua experiência e da experiência compartilhada por outras domésticas. Ela iniciou sua atuação política na Juventude Operária Católica (JOC), foi coordenadora do Fórum de Mulheres de Pernambuco em outro momento de sua trajetória e presidente do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pernambuco. A sua maneira de produzir conhecimento é atravessada pelas vivências que teve nestes diferentes espaços. Dessa forma, possui afinidades com as experiências feministas de autorreflexão ou autoconsciência, com o método ver-julgar-agir utilizado pela JOC, e com o amplo legado da educação popular no Brasil e na América Latina. Podemos identificar relações entre a sua forma de pensar sobre o mundo e as contribuições de Paulo Freire e bell hooks, com essas autoras ela compartilha a compreensão de que práticas educativas com uma perspectiva reflexiva e crítica têm uma grande importância para a transformação social.

Os grupos de autorreflexão feminista são espaços de escuta e elaboração teórico-política onde as mulheres refletem sobre a estrutura social a partir de um olhar sobre as suas próprias vidas. Para o feminismo, a conscientização das mulheres não é uma etapa, é parte da sua estratégia e da forma de viver que se quer construir. O encontro com as nossas próprias experiências é fonte de fortalecimento subjetivo e de compreensão das estruturas de exploração e dominação que nos atravessam. O olhar sobre as histórias de vida compartilhadas nesses espaços, dessa forma, não é direcionado à análise da situação particular de cada uma, mas à elaboração de conhecimento sobre a situação das mulheres de forma mais ampla. Os princípios políticos e metodológicos que inspiram esses espaços podem ser encontrados também em outras práticas de reflexão crítica e são incorporados pela pedagogia feminista para além dos grupos de autorreflexão. O que aproxima o pensamento de Lenira Carvalho dessa tradição é o seu processo sistemático de partilha e reflexão sobre as próprias vivências como forma de compreender e desmistificar estruturas de dominação socialmente naturalizadas. Olhar para si e para as experiências das companheiras, nesse sentido, é um processo investigativo, que alimenta um processo de teorização sobre o mundo.

Como diz Paulo Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, “quem observa o faz de um certo ponto de vista”. O ponto de vista que interessava a Paulo Freire era o dos grupos excluídos, ele se preocupava em observar o mundo de forma atenta às injustiças a que esses grupos são submetidos. Nesse sentido, não tinha o interesse de “assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos”. Interessava a ele assumir uma responsabilidade ética de combate a qualquer manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É também com esse propósito que Lenira Carvalho pensava sobre o mundo, como uma trabalhadora, situada, sobretudo, na experiência do trabalho doméstico e do movimento de luta por direitos dessa categoria. Ela refletia sobre suas próprias vivências em diálogo com o que observava, escutava e refletia também sobre as vivências de outras companheiras da categoria. Nesse processo, elaborava aprendizados

e estratégias importantes na luta por direitos e um conhecimento valioso para todas as pessoas que querem mudar o mundo.

O modo como Lenira Carvalho realizava seu processo de teorização, a partir da experiência refletida, tinha como preocupação a ação no mundo para transformá-lo. O pensamento-ação de Lenira Carvalho se encaixa no que bell hooks considerava um processo de produção do conhecimento como lugar de cura, no qual a teorização é um lugar onde se pode imaginar outros mundos possíveis. Para essa autora, assim como para Paulo Freire, aproximar as nossas ideias das nossas ações, ou seja, prática e teoria, é fundamental para que a nossa produção do conhecimento seja uma *práxis* emancipadora. Para que possamos imaginar outros mundos, é preciso ter em mente, como também nos lembra Paulo Freire, que a história não é o tempo dos determinismos, mas das possibilidades. Isso já é, em si, um ato de contestação. As condições sócio-históricas da população negra, da classe trabalhadora e das mulheres e os processos de exploração e dominação a que estão submetidas são parte das condições nas quais

vivemos. Mas se somos seres *condicionados*, não somos seres *determinados*. Isso significa que a dominação e a exploração não são naturais e, se não o são, é possível refletir sobre elas, constatar, comparar, avaliar, decidir, romper, intervir e transformar coletivamente as suas estruturas.

A cena final de *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) é representativa do jeito de Lenira Carvalho construir seu pensamento. Entendendo que o sindicato das trabalhadoras domésticas está enfraquecido, quando deveria, ao contrário, ser percebido como resultado de uma luta histórica e fundamental na conquista de direitos e que, portanto, não pode parar de ser construído e atualizado pelas domésticas, Lenira percebe que não cabe a ela e nem a ninguém fazer com que as trabalhadoras acreditem na importância do sindicato. Esse entendimento precisa partir da experiência refletida, da conscientização, da compreensão de que as domésticas são sujeitos da transformação social. Nada disso é dado, precisa, como Lenira Carvalho nos lembra, ser construído pelas próprias trabalhadoras, com um método adequado às suas realidades.

Glossário

Práxis

Diz respeito à capacidade humana de agir refletidamente a partir de pressupostos teóricos, ou seja, é uma articulação entre teoria e prática, que, na perspectiva marxista, serve como ação coletiva para a transformação da realidade social. O uso que fazemos de práxis, aqui, em sentido marxista, é de uma prática direcionada à transformação da realidade. Quando falamos em práxis emancipadora, não nos referimos a práxis apenas no sentido de ação humana refletida, mas, como propôs o sociólogo Thomas Bottomore, uma “*práxis* positiva”, que indicaria uma ação humana como revolução social, ao invés de uma “*práxis*” negativa, que seria a prática (conformação) de uma ação alienada.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro1